



Gabriela Mello  
**I-EMPIRE**

Inspirado pelo álbum homônimo de **ANGELS & AIRWAVES**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

**mojo**  
BOOKS

---

**I-EMPIRE**  
GABRIELA MELLO  
uma história inspirada por  
**I-EMPIRE**  
ANGELS AND AIRWAVES

---

SÃO PAULO, JUNHO DE 2009  
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY GABRIELA MELLO  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – [WWW.MOJOBOOKS.COM.BR](http://WWW.MOJOBOOKS.COM.BR)

---

# I-EMPIRE

## GABRIELA MELLO

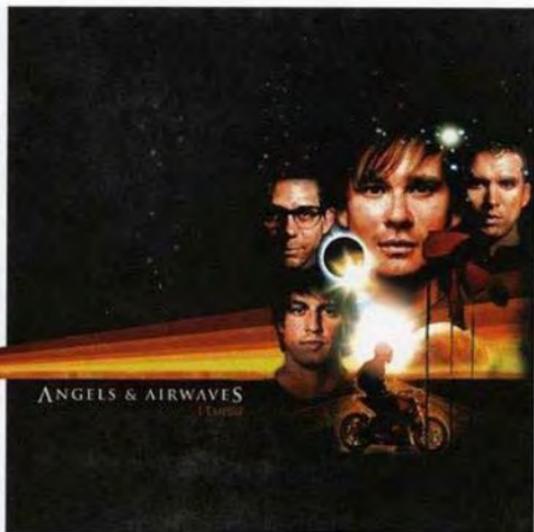
EDIÇÃO: **DANILO CORCI E LUIZ GUILHERME COUTO PEREIRA**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**

---



ANGELS & AIRWAVES  
I-Empire

## I-EMPIRE

ANGELS AND AIRWAVES

LANÇAMENTO: **2007**  
SELO: **GEFFEN RECORDS**

---

### PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Call To Arms
2. Everything's Magic
3. Breathe
4. Love Like Rockets
5. Sirens
6. Secret Crowds
7. Star Of Bethlehem
8. True Love
9. Lifeline
10. Jumping Rooftops
11. Rite Of Spring
12. Heaven



# **I-EMPIRE**

**GABRIELA MELLO**

# 1.

— Venha logo, idiota!

— Espere, Gary! Que saco... — disse eu em um tom irritado.

Fechei a porta de casa sentindo-me excitado. Suspirei. Baguncei o cabelo. E terminei fitando todos os três aporrinhadores dentro daquele carro conversível. Eles me aguardavam.

— Pronto, estou aqui — disse, jogando minha mala em cima de Gary, que a empurrou para o chão.

— Estão prontos? — Josh, o motorista, perguntou-nos rejeitando qualquer resposta, dando partida àquela lunática aventura.

“Onde estou me metendo...”, pensei, afundando-me naquele manicômio ambulante, tornando-me mais um louco.

E fomos.

Perdoe-me pela minha falta de educação. Meu nome é Louis Olav. Bem estranho, eu sei, porém é explicável: Louis porque minha mãe sempre gostou desse nome, e Olav é o sobrenome de meu pai — que eu nunca conheci por ele não ter interesse algum em me ver. Mas nesse dia você poderá me chamar de Insano, visto que só estando em um estado alucinado para viajar com essas crianças. E o mais lastimável é que todos nós temos dezoito primaveras, e, particularmente, vejo-me o mais normal, mesmo tendo meus podres.

— Por favor, pequeno, mate o Louis — Gary chutava o banco da frente, onde

Frank tentava abrir um pacote de amendoins.

— Por que você não se mata? — Frank retrucou, e Gary riu. E eu encarei Josh pelo retrovisor, que me olhava sorrindo, como se me desse apoio para eu não me atirar do carro. Mas eu tinha que agüentar. Só mais dois dias.

Nosso objetivo era chegarmos vivos até a universidade em que iríamos nos formar, e já que ela ficava em uma cidade não tão longe de onde morávamos, aventuramo-nos ir até lá juntos, no conversível velho de Josh. Eu até pensei que meus pais poderiam me levar são e salvo até a instituição, porém eles já haviam programado uma viagem rápida à casa de meus avós, e só depois eles me visitariam onde eu teria que estar daqui a dois dias.

Bom, concluindo: isso estragou meus planos de sobrevivência.

A primeira hora de viagem passou, e com ela mais inutilidades foram proferidas por Gary. A consequência era o riso geral. Ele é um palhaço. No bom e no mau sentido.

Um quarto da segunda hora também passou, e com ela veio o silêncio e o pôr-do-sol. Era incrível ver todo aquele jogo de luzes, em plena rodovia deserta. E o vento que roçava meu rosto estimulou-me a pousar minha cabeça no banco e admirar as poucas estrelas que salpicavam o céu, delicadamente. Isso me fez lembrar uma história.

A minha história.

E enquanto meu corpo se afogava no banco, minhas lembranças me conduziam para minhas antigas dores...

## 2.

— Eu te odeio! ODEIO!

Um silêncio da minha parte.

— Seu inútil.

Afundi-me na cadeira dura do trem.

— Ingrato!

Escondi o rosto.

— Eu te odeio. A culpa foi sua!

— Mas mamãe...

Um tapa arranhou meu rosto. Não chorei. Afinal, eu era um homem de sete anos.

Tudo o que fiz foi desejar sumir, e agradecer por ninguém me conhecer naquele vagão.

— Venha, Louis.

Mamãe puxou-me pelo braço para fora do trem. Meu rosto ardia como se tivessem colocado um ferro quente em minha pele, mas não gemi, não chorei. Simplesmente segui-a tentando não me perder.

— Sente-se aqui, e não olhe pra ninguém.

Acomodei-me no banco gelado do terminal, fitando os olhos imensos e verdes de minha mãe. Ela me deu outro tapa, só que dessa vez com menor força.

— Não me olhe assim! — exclamou bufando. — Não saia daqui até Mrs. Lockwood te chamar.

— Quem é?

— Você vai saber.

Ela arrumou meus cabelos negros para trás, se levantou e misturou-se ao multicolorido de pessoas.

Nunca mais a vi.

Já havia passado muito tempo depois que mamãe foi embora, e eu não tinha coragem de tentar me misturar com aquela massa de indivíduos. Passava os olhos em todas as mulheres que me pareciam ser a tal da Mrs. Lockwood, mas elas não me notavam. Ninguém me notava.

Eu estava entrando em desespero, quando uma voz chamou pelo meu nome. Eu fechei os olhos, pois sabia que era minha mãe vindo me pegar para acariciar-me a face em chamuscas e encher-me de beijinhos. Eu sabia! Quero dizer, eu pensava que sabia.

— Louis Olav?

Abri os olhos e vi uma senhora atarracada, trajando vestes negras. Uma peça ou outra eram cinza, mas o resto era escuro, como a morte. Disso eu nunca esqueci.

— Venha.

E ela pegou em minha mão e enfiou-se no tumulto de gente, me puxando para dentro de outro trem. Sentou-se em um lugar vago, e pôs-se a falar e a me deixar mais confuso.

— Sou Mrs. Lockwood, já deve saber.

— E mamãe? Onde está?

— Esqueça-a, Olav. Você terá um novo lar, agora. Não passará mais fome. E terá vários coleguinhas para brincar — ela pousou sua mão em minha perna, passando-me confiança. Isso me fez sorrir, e passei a olhar o céu, em busca de estrelas, já que o sol havia se escondido.

### 3.

Eu JURO que se eu soubesse que meu novo lar com vários coleguinhas fosse um orfanato de quinta categoria eu não iria procurar estrelas no céu, e sim uma válvula de escape no meio daquela estação. Mesmo sentindo-me desiludido e rejeitado, forcei-me a não chorar.

Mrs. Lockwood puxou-me pelo braço até uma grande grade enferrujada, que havia gravado em seu topo letras que não consegui desvendar no início, mas que depois que aprendi a ler, descobri que se tratava do nome daquele antro: O Lar dos Anjos. E esse foi o nome mais irônico que encontrei em toda a minha vida.

Ela abriu o portão, e logo pude avistar uma espécie de internato monocromo. Eu olhava assustado para todos os cantos daquele lugar à procura de mamãe. Quem sabe aquilo tudo não passava de um jogo? Uma brincadeira?

Mas não.

Era a vida.

Para contribuir com meu ânimo, o céu estava escuro, sem nenhuma estrela, o que fazia o Lar dos Anjos tomar um aspecto sombrio, com todas as cores do medo.

Entrei numa espécie de sala, e me obrigaram a sentar em uma poltrona.

— Esse é o Louis Olav, Mr. Spencer.

Um homem com cara de monstro me metralhava com o olhar, como se eu

fosse um lixo depositado em sua frente.

— Senhor Olav — dirigiu-se a mim, como se fosse me engolir a qualquer momento. — Bem-vindo ao seu novo lar. Mrs. Lockwood irá te encaminhar a um quarto, onde estará seu uniforme e sua cama. Partilhará o recinto com dois rapazes iguais a você. Durma às nove horas e acorde às seis. O café é servido às seis e quinze, mas antes de ir ao refeitório, arrume a cama. Alguma pergunta?

Eu, Louis Olav, que mal sabia escrever meu nome direito, não tinha nenhuma dúvida. Afinal, não entendi simplesmente nada. O que consegui fazer foi arregalar os olhos, e perguntar:

— E minha mãe, onde está?

Os dois bufaram como se eu tivesse cometido um pecado, e aquela senhora com roupas cor-de-morte me arrastou pelo corredor desbotado, abrindo uma porta e me empurrando para dentro do cômodo.

— Meninos! Esse é Louis Olav, o novo companheiro de quarto de vocês. Ajudem-no com as regras.

E ela se foi, deixando-me com as duas crianças, que me olhavam curiosamente.

Houve um grande silêncio.

— Então você é o famoso Louis Olav. Eu sou Jeremy, o líder do quarto.

Ele estendeu-me a mão, e eu a apertei, tímido.

— Por que ‘famoso’? — perguntei, encarando Jeremy e seus cabelos ruivos. Ele era mais alto que eu, e mais velho também.

— Estão falando de você há semanas, no orfanato! — um outro, sentado no beliche, respondeu-me. Ele se chamava Tony.

— Semanas?! Orfanato?! — perguntei, surpreso. — Tanto faz. Minha mãe vai me buscar...

Risinhos foram abafados, provindos de Tony.

— Novatos... — suspirou.

— Louis, você só vai sair daqui quando for adotado — Jeremy me explicava. Confundia-me mais.

— ADO...TADO? — perguntei, entrando em pânico.

— Ou quando for maior. Mas vai demorar..

— Mas, espere aí, Jeremy...

Depois de um tempo, eu entenderia o motivo das risadinhas de Tony, mas enquanto eu não as deduzia, Jeremy explicou-me que agora eu era um órfão. Fez-me enxergar uma realidade da qual não aceitava: minha mamãe me abandonou.

E depois de um tempo conversando com os dois não havia mais perguntas. Eu me sentia moído, mal tinha forças para gritar de ódio da minha perversa mamãe, e o que me restou foi cair na cama dura e gélida, sentindo-me um ninguém.

E chorar.

Chorar muito.

Afinal... eu era um órfão de sete anos.

## 4.

Acordei sentindo dores em todo o corpo. A cama do orfanato era como uma pedra, isso eu não esqueço. Olhei para todos os lados do quarto e não encontrei nenhum dos meninos, então levantei e coloquei os trapos que eram denominados ‘uniforme’, e saí de lá, sentindo-me deslocado. Várias crianças corriam por todo o pátio coberto de névoa, e entre elas avistei Tony, encolhido, junto a Jeremy.

— Atrasado, não é, novato? — Tony perguntou-me, debochando. — Ficou sem o café.

Jeremy bufou, fazendo sua cabeleira ruiva balançar.

— Tome — enfiou a mão no bolso, retirando pedaços esmigalhados de pão. — Não se acostume com isso. Tente acordar mais cedo, da próxima vez.

Eu sorri, pegando as migalhas e engolindo-as a seco.

— Vem, Jeremy — Tony o puxou para a outra ala do orfanato, e fui junto, como uma sombra.

Tony olhou-me com desprezo, e ressaltou:

— Eu disse Jeremy.

Parei no meio do caminho, e encarei o chão. Eu poderia ser dois anos mais novo que eles, mas tolo eu não era.

Olhei-os se afastarem e sentei no chão, encarando o nada.

\*\*\*

O silêncio fazia parte da nossa viagem. Todos estavam calados, com suas mentes afastadas. Menos Gary.

— Ei, Louis! — chamou-me, sussurrando.

— Fala.

— Você já percebeu que o Frank baba enquanto dorme?

— O quê?

— Isso mesmo. Olhe.

Um filete cortava a bochecha rosada de Frank. Uma fartura só. Eu ri da observação do outro, e o carro se afundou no sossego outra vez.

O carro sim, Gary não.

— E como vai a Cassie? — perguntou ao Josh, irônico.

— O quê?

— A Cassie! Sua garota.

O motorista riu.

— Já era...

— Morreu?

— Claro que não, Gary! Cada idéia...

— Cada resposta... — Gary retrucou, dando de ombros.

Josh arrumou o retrovisor e passou a me fitar. Colocou os óculos escuros, mesmo estando de noite. Ele era assim, se achava O cara. Coitado...

— Era pra eu ter te falado, Louis — ele disse. — A Cassie me deixou. Culpa sua.

Eu dei um pulo.

— Culpa minha?!

— Ela te ama, cara... Você sabe.

— Eu não sei de nada — afundei-me no banco, rindo.

— Sabe sim... — Gary opunha, gozador.

— Você é quem sabe, Gary — virei o jogo.

— Eu??

— Isso.

Josh, mesmo estando com os óculos, fazia-se parecer confuso. Eu e Gary somos impossíveis juntos.

— Louis, eu não sei de nada! — defendeu, vendo que Josh o encarava.

— Então o Frank sabe... — eu disse, ainda rindo.

— É... O Frank sabe — e Gary me apoiou.

E nós três rimos, enquanto Frank babava sem poder se defender.

O silêncio gostoso nos dopou, e me levou novamente ao irônico Lar dos Anjos...

Depois de quase um ano, Jeremy e eu nos tornamos verdadeiros amigos. Só pude ter certeza disso depois de uma drástica desventura. Foi um tanto traumática, para ser exato: era de noite e todos os meninos estavam dispersos pelo orfanato, inclusive meus dois companheiros de quarto. Para piorar, aquele lugar era terrivelmente grande. Era dividido em duas partes: uma ala para meninos e outra para meninas, e eu mal sabia onde estava, só via um grande vácuo me cercar.

Lembro-me de ter visto um espelho um tanto soturno bem no final do

corredor mal-iluminado, em que minha pele alva e meus olhos estrondosamente azuis se destacavam no meio daquele cinza-morte. Cheguei mais perto do espelho e passei a me encarar. Eu me olhava nos olhos com certa raiva daquele azul. Da minha mãe não eram, do meu pai, bem provável. Se pelo menos eu o tivesse conhecido... Mas eu nunca o tinha visto.

Naquela hora deu-me a vontade de tirar meus dois olhos e queimá-los, como se eles fossem um pedaço do meu pai vivo em mim. E de queimar meus cabelos negros também. Deveriam ser iguais ao dele. Tive vontade de me queimar por inteiro, afinal, eu era um pedaço de carne abandonada. E viva, por azar. Quis morrer.

Enquanto meu reflexo ainda me fitava com ódio, um vulto fez-se perceber no espelho. Olhei para trás espantado. Não havia nada lá, somente trevas.

Encarei mais uma vez o espelho e decidi que aquela era a exata hora de sair correndo daquele lugar. E o pior foi que eu o fiz, sem pensar em onde iria.

Corri até uma escada e a descí apressadamente. E descí mais uma. E subi mais outra.

E virei onde eu não deveria virar.

O corredor em que parei era sombrio e escuro. Uma luz defeituosa piscava de um jeito irritante, e mesmo assim não dava para ver nada em volta daquele lugar, somente uma porta entreaberta, que deixava escapar fiapos de luz. Aquilo me atraiu de uma forma doentia, e andei até ela, submergindo-me no canto da parede. Comecei a ouvir:

— O que vamos fazer com ele, Mr. Spencer?! — a voz de Mrs. Lockwood segredava em desespero.

— Eu não sei... Não podemos fazer de forma justa, vão suspeitar de nós dois.

Os passos inquietos da senhora ecoavam no corredor inteiro. Sussurrou:

— Vamos fazer o que, então?

— Deus! O que você fez, sua louca! — Mr. Spencer exclamava com raiva, mas logo abaixou o tom. Aquilo parecia sigiloso.

— Ele se cortou sozinho! — ela se defendia.

— E quem deixou a faca à vista??

Silêncio.

— Que seja — Mr. Spencer completou friamente —, temos que fazer algo com o corpo. Vamos queimá-lo.

“Queimar o corpo? De quem?”, eu me perguntava. E minha curiosidade venceu meu temor. Com cautela, posicionei-me de uma forma que eles não me pudessem ver observando, e tentei capturar qualquer imagem que respondesse minha resposta.

Quando vi, quase vomitei minhas entranhas.

O corpo morto e ensangüentado de Tony estava abandonado ao lado da mesa.

Vazando a alma vermelha pelo chão do Lar dos Anjos.

Em pânico, corri aquele corredor inteiro sem me preocupar com o barulho dos meus sapatos. Aqueles olhos esbugalhados, aquele sangue e aquele corpo morto de Tony me fizeram entrar em estado de choque.

Desci furiosamente escadas que não conhecia, subi outras cheias de nada e tropecei de cansaço em uma. Rolei dois degraus e caí com o rosto colado ao

chão, em uma posição parecida com a que o corpo de Tony estava. Um misto de comoção e medo me roubou lágrimas, e não consegui me mover. Eu queria o Tony vivo, comigo, debochando de mim. Eu queria tirar meus olhos.

E foi aí que Jeremy apareceu, salvando a minha vida. E o meu olho.

Ele me encontrou deitado, arranhando as minhas pálpebras e chorando. Segurou-me pelos pulsos e me obrigou a desencravar as unhas do meu globo ocular. Ele me disse que sangrava.

Jeremy já sabia de tudo, e já havia chorado o suficiente para se tornar sério.

Enquanto eu me debatia, ele segurava meus braços.

Enquanto eu chorava e gritava:

— Me solta, seu desgraçado! Tira o meu maldito olho!

Ele me sussurrava nos ouvidos:

— Eu estou aqui, Louis. Com você.

A partir daquele dia, ninguém tocou nesse assunto. Uma vez eu e Jeremy conversamos sobre isso, mas foi só uma vez. Tratamos de enterrar o suicídio nas nossas lembranças mais obscuras, para sempre.

## 5.

Quando Josh quase adormeceu ao volante, percebemos que deveríamos parar para descansar, e no outro dia seguir viagem. Depois de pouco tempo, achamos um hotel um tanto duvidoso, mas pelo pouco dinheiro que nos restava seria lá mesmo que passaríamos a noite.

Dormimos no mesmo quarto. Ou melhor, tentamos dormir. Frank, que acabara de acordar enquanto caçávamos um hotel, estava elétrico, e tagarelou um bom tempo com Gary. Josh dormiu na cama rapidamente, e eu ouvi parte das conversas estranhas provindas dos dois idiotas. Não houve uma outra parte, pois eles também adormeceram.

Menos eu.

Quando meu passado volta para me assombrar, ele não pára até todas as minhas cicatrizes abrirem novamente. Dessa vez foi uma nota ridiculamente boa de lembrar...

— Jeremy, eu não vou fazer isso!

— Seu covarde! Não vão nos pegar!

Nós dois estávamos na grade que dividia as alas do orfanato. Era de manhã, dia do meu aniversário de nove anos. Nós observávamos a ala feminina, e Jeremy insistia para que pulássemos aqueles arames por diversão, para celebrar meu dia.

Ele esteou o pé num furo da divisória e pegou uma bolacha de seu bolso que

havia “furtado” do refeitório.

— Vamos, Louis! — o garoto me olhava esperançoso por um “sim”, mas eu tinha medo do que poderia acontecer conosco. Ele enfiou a bolacha na minha boca e riu enquanto eu lutava para não engasgar. Eu ri também, só que ele não queria risos. Ele queria um maldito “sim”. E no fundo eu também esperava por isso.

Olhei para os lados. Não vi ninguém para nos entregar ao Mr. Spencer. Fitei-o nos olhos e sorri positivamente. O ruivinho alegrou-se.

— Se apóia na grade — ele disse.

Jeremy me jogou do outro lado, e eu o ajudei a pular. Olhamos uma última vez para a ala masculina e corremos para dentro do prédio das meninas como loucos.

— Não faça barulho! — eu o adverti, entrando na escadaria deserta.

— Meninas são tapadas. Se nos virem, não farão nada. Aposto dez bolachas por isso.

Eu ri e o puxei para o topo da escada. O primeiro corredor estava vazio, e estranhamos.

— Acho que não tem ninguém nessa ala — comentei.

— Impossível. De onde vêm, então, aqueles gritos irritantes durante nossas aulas?

Andei até a janela e espiei o exterior. Havia um grande pátio, cheio de garotas. Eu sorri, respondendo-o:

— Vem dali.

Ele olhou discretamente, e também sorriu. Mas nossos sorrisos

desapareceram em pouco tempo, pois vimos duas meninas entrarem no corredor em que estávamos.

— Corre, Jeremy!

Nós dois corremos até o final do corredor. Não havia nenhuma saída fácil, e nos vimos em pânico.

— Tenta abrir a porta do seu lado, Louis!

A porta estava trancada, e mesmo eu forçando ela não cedeu. Infelizmente, as duas garotas nos alcançaram.

— O que estão fazendo aqui? — uma menina de no máximo nove anos nos olhava séria. Seus cachos castanhos me assustavam.

— Não é da sua conta, nanica — Jeremy retrucou seco, pegando na minha mão prestes a sair correndo.

— Vamos... — eu o puxei, mas uma garota loira do tamanho de Jeremy nos inibiu.

— Vocês só saem daqui se nós deixarmos — ela disse, sorrindo com sarcasmo.

— Não liga pra essas meninas, Louis. Vamos logo...

— Quer que a gente conte pro Mr. Spencer que vocês invadiram a ala das meninas, ruivinho? — a outra disse, querendo nos intimidar. E conseguiu. Como éramos ingênuos...

— Tá — Jeremy se rendeu.— O que quer que a gente faça? Temos dez biscoitos aqui. Serve?

A menor já sorria alegre com a oferta, mas a loira riu com malícia.

— Só saem daqui se nos beijarem...

— O quê?! — dissemos em uníssono, em pânico extremo.

Relutamos durante um bom tempo, até que a menor surtou e começou a chamar Mrs. Lockwood. Jeremy me olhou e logo pude entender. Ele fechou os olhos e agarrou a loira, dando-lhe um beijo estalante, e eu fui agarrado pela menina dos cachos castanhos. As duas pareciam se divertir com nossa redenção, e logo nos deixaram correr escada abaixo.

Pulamos a grade e corremos para o quarto. Jeremy se jogou na cama e começou a rir como um idiota, enquanto eu limpava com fúria meus lábios com gosto de menina.

— Belo presente de nove anos, não é, Olav?

Respondi com uma careta.

Apesar de abominarmos nossa escolha, ela foi sensata. Era bem melhor ganhar um beijo do que levar palmadas de Mrs. Lockwood.

Bem melhor.

## 6.

Frank acordou-me dizendo que já iríamos partir, e que eu estava atrasado. Corri ao banheiro para me ajeitar, e o espelho denunciava minha insônia, mostrando-me pouco sinal de olheira.

Fitei-me por um momento e ri de mim mesmo. De minhas lembranças.

— O Josh já fechou a conta, Louis! — Gary me apressava, saindo do quarto.

Encarei-me uma última vez pelo espelho e sorri, dando-me força. Lavei o rosto e molhei os cabelos — é mania. Depois corri para fora do hotel junto com os outros, afundando-me no carro e na nostalgia.

— Mas então! Você quer essa?

— Não, Alice! A outra.

Alice, a mesma garota que me beijou à força, procurava em seu bolso outra bala. Estávamos no meio de um troca clandestina de doces. Era perigoso demais, mas queríamos arriscar.

Ela passou a mão pelo buraco da grade e me deu a bala. Seus enormes cachos castanhos não me davam mais medo. Eram lindos...

— Tchau — ela sorri.

— Tchau, Alice.

Corri para o pátio cinza e procurei Jeremy entre os outros garotos, e estranhei não o achar no lugar marcado. Procurei também nos banheiros, mas não o encontrei. Decidi esperá-lo no quarto, e ao entrar, eu o encontro sentado,

imóvel. Seus olhos fitavam sem ver a minha cama, parecia angustiado.

Ainda de pé, estendi a bala que havia trocado.

— Não te devo mais nada — sorri.

Jeremy me olhou indiferente, deixando minha mão vagar pelo espaço.

— Não vai querer? — estranhei.

Seus olhos começaram a lacrimejar, e eu o olhei espantado. E vendo que eu tinha percebido, Jeremy parou de me olhar e abaixou sua cabeça, tentando se esconder.

— Jeremy! O que aconteceu? Você tá estranho.

Ele suspirou, apertando seus punhos com força. Virou os olhos para meus sapatos e sussurrou, doído:

— Eu vou ser adotado — soluçou.

Eu o olhei surpreso, sem saber o que sentir. Queria me alegrar por ele poder sair desse antro, mas o invejava por não ser eu o escolhido. Senti pena por ele estar triste, e também comecei a perceber um vazio dentro de mim.

Ele chorou sem querer que eu o visse, e eu sentei ao seu lado.

— Quando é que você vai embora? — perguntei com medo da resposta.

— Eu não sei — sussurrou.

Houve um silêncio que me fez perceber que mais uma pessoa estava prestes a me deixar. Aquilo me doeu na alma, mas eu não queria ser egoísta. Tentei deixá-lo alegre.

— Que bom, então! Nunca mais vai ver a Lockwood! — eu sorri, e o vi murchar.

— Os garotos me disseram que um menino foi adotado e voltou sem uma

orelha — ele gemeu, voltando a soluçar.

— E você acreditou neles? — eu bufei.

Jeremy suspirou cheio de lágrimas, e eu disse:

— Mas você sempre quis sair daqui e...

— Eu não quero ir! — o garoto se exaltou, olhando-me aturdido. — Estou com medo, não entende?

— Não tenha medo. Não vai acontecer nada de ruim...

— E você? — ele me metralhava com os olhos, fazendo-me despedaçar.  
— Nunca mais vou te ver, idiota?!

Naquele momento, ele virou seu rosto para o outro lado. Parecia esconder-se. E só nesse momento pude perceber o quanto éramos ligados, e isso dilacerou qualquer alegria que eu poderia sentir. Eu precisava dizer a ele para não ir, mas algo me fez emudecer. Ele não poderia ficar por mim, eu seria egocêntrico demais se o pedisse isso. Jeremy tinha que ser feliz de verdade, mesmo que doesse. Mas era o melhor.

Enquanto o silêncio nos envolvia, o dia em que Tony morreu me veio em mente. Lembrei da coragem de Jeremy.

De suas palavras.

— Eu nunca mais vou te ver, idiota! — ele berrava, enquanto eu o abraçava forte, sentindo suas lágrimas molharem minha camisa.

E eu sussurrava em seu ouvido, morrendo:

— Eu estou aqui, Jeremy. Com você.

## 7.

Ficamos abraçados durante um longo tempo, nem fomos jantar naquela noite. Não falamos muito, somente o necessário. Quase nada.

— Boa noite, Jeremy.

— Boa noite — gaguejou, sufocando-se no cobertor.

E calou-se.

Calou-se de uma maneira que pensei que estava morto.

Mas não.

Ele simplesmente dormira afogado em suas confusões. E eu fiz igual, mas quando acordei, bem no meio da madrugada, sua cama estava vazia. E seu armário também.

— Jeremy!

Meus ouvidos procuravam sua voz, mas encontraram o silêncio. E meus olhos se depararam com a janela, que mostrava aquele cenário cinza-morte tornar-se mais sombrio, por causa da noite e da solidão. As luzes ainda eram ávidas na rua, mas dentro de mim, era como se tudo se tornasse preto-e-branco. Não pude conter o choro.

Eu estava sozinho outra vez.

Ou era o que eu achava.

— O Jeremy foi embora.

Virei-me assustado ao ouvir a voz abafada de Alice. Ela estava apoiada em

minha cama, olhando-se de modo ausente no espelho.

Desviei meu olhar para a janela, enquanto minha respiração era abafada pelo vidro.

— Ele estava com medo — disse-lhe, com os olhos marejados dançando sobre as luzes dos carros.

— Eu sei — sussurrou, aproximando-se de mim. — E você?

Houve uma grande pausa, quebrada pelo meu suspiro reprimido. Eu sabia que ela queria que eu falasse. Qualquer coisa. Ela queria me ouvir.

— Tomara que ele não volte nunca — aspirei devagar, sentindo sua mão em meu ombro.

— Ele não vai voltar. A orelha dele está salva! — Alice riu, querendo me alegrar.

Mas eu chorei.

E ela apertou meu ombro com mais força, em forma de consolo.

## 8.

Os anos se passaram mortos para mim até eu completar onze anos. Eu ainda era um órfão solitário, infinitamente sozinho. Tudo era monótono, e somente os livros me arrancavam um sorriso, mesmo que pequeno. Minha existência se tornara tétrica, como se eu fosse um pequeno cadáver, que vivia somente de solidão.

Mas isso tudo durou até as duas horas daquele dia, no meio do pátio vazio.

— Louis?

Mrs. Lockwood me chamou, e pôs-se a andar pelos corredores. Fez um gesto para que eu a seguisse, e eu o fiz, intimidado.

Ela entrou no escritório, e empurrou-me para dentro.

— Senhores, esse é Louis Olav.

Um jovem casal virou-se para contemplar meu tormento. A mulher sorriu, com o rosto iluminado.

— Então você é o Louis? — ela perguntou-me admirada, e eu assenti com a cabeça.

Ela olhou para o homem, apertando-lhe as mãos. Ele também sorria, e me olhava de modo simpático.

— Eu sou Cristina Parker, e esse é meu marido, James Parker. Eu não posso ter filhos, e...

Minha respiração estava se tornando ofegante. Eu não sabia se queria

continuar a ouvir o que ela tinha a dizer. Mesmo assim, Cristina prosseguiu:

— Gostaria de fazer parte da nossa família, Louis?

Eu apertei as mãos dentro do bolso, sem saber o que dizer ou sentir. Sem ter o que fazer. Meu rosto deve ter passado meu pânico interior para o casal, e James puxou-me delicadamente para mais perto dos dois.

— Eu sei que faz muito tempo, mas... — ele remexeu na bolsa de Cristina, e um pedaço de papel foi entregue a mim.

Quando vi, não pude evitar o sorriso.

— Lembra-se? — ele perguntou.

Meus olhos passeavam na foto de um modo incrédulo. Logo minha vista embaçou. Só pude sussurrar:

— Não faz tanto tempo...

Cristina abraçou timidamente meus ombros.

— Ele está com saudade, então resolvemos vir até aqui e te convidar a unir-se a nós. De tanto ouvir falar de você, nós já o amamos.

— Com saudade? — indaguei, com os olhos molhados.

Ela riu, confirmando. Seus olhos também pareciam marejar.

— Jeremy sempre nos falou de você, desde que nós o adotamos.

Eu os olhava com um pouco de ansiedade, segurando a gravura de um Jeremy mais maduro, sério. Percebi que a foto estava ligeiramente amassada pelos meus dedos aflitos.

— E ele nos disse que você o deve uma bala — James riu, fitando-me intensamente. Cristina completou com um sorriso:

— O que acha de ter um irmão?

Eu os entreguei a foto de Jeremy e limpei as lágrimas com a manga da camisa.

E os fiz perceber um gesto tímido, afirmativo.

Os dois me abraçaram.

— Tchau, Louis. Agora é melhor você ir!

Alice sorria, espremendo-se na grade divisória.

— Tchau, Alice — eu ri, e nós tentamos nos abraçar.

— A gente se encontra, um dia. Agora vá! — ela sorriu, e correu para dentro de sua ala.

— Louis, vamos? — Cristina apareceu atrás de mim, pegando gentilmente em minha mão, e caminhamos para os portões enferrujados.

Mrs. Lockwood abriu-os, e eu li pela última vez aquela irônica placa. O casal seguiu para o carro estacionado em frente ao Lar dos Anjos, e eu vi aquela saída de metal fechar-se, como se um capítulo da minha vida fosse concluído.

Enquanto James destrancava a porta do automóvel, um garoto ruivo destacou-se no banco traseiro.

Ele sorriu para mim.

Eu sorri para ele.

## 9.

— LOUIS, ACORDA!

Gary me sacudia insistentemente. Abri os olhos e vi um teto. Achei estranho não ver as nuvens.

— A gente já chegou! — Frank exclamava animado.

— Desce do carro, Olav — Josh batia levemente na minha cabeça, carregando as malas.

Levantei-me tonto, arrumando os cabelos. Os três já estavam fora do estacionamento, e tive que me apressar para alcançá-los.

Gary entregou minha mala e puxou-me para perto dos outros. Comentou, excitado:

— Belo lugar, não?

Estávamos em um pátio imenso, cheio de calouros, veteranos e familiares. Todos se abraçavam alegremente, e logo meu grupo se diluiu. Os três foram agarrados por pessoas que eu desconhecia, talvez amigos que os esperavam chegar da viagem inesperada, ou até familiares. Eu estava um tanto entorpecido pelo breve sono no carro, então fiquei parado, correndo os olhos pela multidão à procura de uma alma conhecida. Até que um tapa fortíssimo fez minhas costas arderem.

— Louis! Cara! Eu pensei que aquele carro velho do Josh havia pifado na estrada! — Jeremy me esmagava calorosamente, rindo.

— Eu estou vivo, Jeremy — eu ri.

— Estou vendo! — ele afastou-se de mim e sorriu. Seu físico havia evoluído muito se comparado ao que tinha onze anos atrás, mas seu cabelo ruivo e sua personalidade continuavam o mesmo. Eu adorava isso.

Dei-lhe um soco no ombro, e ele me puxou para onde Cristina e James estavam, e logo que me viram, me abraçaram, parabenizando-me pelo meu futuro.

E vendo toda aquela pequena festa em volta de mim, eu me peguei agradecendo às minhas desventuras. Jeremy se tornou meu verdadeiro irmão, e Cristina e James eram meus legítimos pais. É claro que seria melhor se eu tivesse uma infância mais saudável, mas se minha história não houvesse ocorrido, eu não seria quem eu sou. E eu me sinto feliz sendo assim.

E eu continuei a me impressionar com aqueles sorrisos, aquelas risadas... Aquele amor.

Se fosse eu quem escrevesse meu passado, eu não me daria o trabalho de mudar tudo isso que me edificou.

E como sou em quem escrevo meu futuro... Bem, eu estou prestes a fundar o meu próprio Império.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)